

CONVERSA SOBRE SEXO

(...)

As necessidades sexuais existem. Seria hipocrisia dizer o contrário. Contudo, devem ser satisfeitas dentro de um contexto que não acarrete, posteriormente, conseqüências traumáticas dentro da lei de causa e efeito.

Os impulsos da libido (energia sexual segundo Freud) devem ser disciplinados pela moral do Cristo cuja orientação básica é a seguinte: Façamos ao próximo exatamente aquilo que desejaríamos que o próximo nos fizesse! Assim a prática sexual deve ser efetuada no momento oportuno; ou, por outras palavras, conforme aprendemos em Espiritismo, este código que nos norteia a conduta diante das Leis Morais da Vida, deve a prática sexual ser efetuada quando existe maturidade do homem e da mulher no processo envolvidos. Mais ainda, quando há também esclarecimento de cada participante, para que não haja apenas o instinto descontrolado da atração sexual, como se dá entre os animais.

Os jovens que se relacionam hão de estar suficientemente esclarecidos com relação ao sexo, de modo que não venham a incorrer em lamentáveis equívocos e enganos, cujas conseqüências, volto a repetir, podem ser profundamente desagradáveis, destruindo, não raro, as perspectivas de efetiva felicidade de parte a parte, como se dá diante de situações como estas: a) aquisição das chamadas doenças sexualmente transmissíveis como a sífilis, agonorreia, a terrível AIDS; b) eclosão de uma gravidez indesejável(inclusive em meninas de 12/14 anos de idade); c) o crime do aborto provocado, daí surgindo um grave comprometimento diante das Leis Divinas, porque foi cometido um assassinato de um ser que não tinha como se defender; d) a figura grafilizada da mãe solteira; e) a queda da mulher na prostituição; f) o complexo de culpa em pessoas mais sensíveis.

(...)

Caro leitor: o sexo outra coisa não é senão a linha orgânica na qual reencarnam os Espíritos a fim de progredir.

Difere de sexualidade porque esta é todo um conjunto muito complexo de condições não só anatômicas mas também psíquicas, todas elas respeitáveis, determinando o sexo de cada criatura. Não confundir sexualidade com sensualidade que é a mera cata de prazeres sem nenhuma noção de respeito nem de responsabilidade.

Guindado pelo instinto de conservação da espécie, o sexo por si só tem em mira a reprodução. Por isso mesmo, está enquadrado nas Leis de Deus no vasto campo da Biologia. Tanto que ele está presente nos animais, nos micróbios, até mesmo nos elementos do androceu e no gineceu de uma flor hermafrodita. Já a sexualidade, envolvendo a afetividade, a troca de estima, a permuta de ternura, obedece ao equilíbrio da razão. O sexo lembra o prazer, o gozo físico para que sua prática não seja postergada, negligenciada, comprometendo a perpetuação da espécie. Mas a sexualidade estabelece as condições para a prática genésica sem que se arranhe impunemente a Lei Moral. Por isso mesmo, a sexualidade, sob este ângulo encarada, aproxima-nos do Amor; e o Amor é o objetivo supremo da Vida.

Em nome do Amor (com A maiúsculo!) você renuncia em benefício daquele a quem você quer ver feliz. Você é capaz de auxiliá-lo nos momentos difíceis da trajetória humana. Você poderá até sacrificar-se em favor da família, sem que estejamos a pregar a anulação de sua personalidade. Você cresce - e cresce muito - na medida em que, sem esperar recompensas imediatas ou celestiais, cultiva este Amor-doação, Amor-paciência, Amor-respeito, unindo marido e mulher, pais e filhos, irmãos entre si. E aí, caro leitor, o sexo é apenas um dos muitos meios de nosso progresso e de nosso conhecimento, em atos do Amor verdadeiro, na esteira das vidas sucessivas.

Embora como que num vôo de pássaro, em um capítulo ulterior lembrarei a contribuição de Sigmund Freud para a compreensão da sexualidade. Trarei à baila o complexo de Édipo, o complexo de Electra, coisas do gênero. Todavia, como lemos no livro Ação e Reação (Espírito André Luiz pelo médium Chico Xavier), Freud deve ser louvado pelo desassombro com que empreendeu a viagem aos mais recônditos labirintos da alma humana para descobrir as chagas do sentimento e diagnosticá-las com o discernimento possível. Entretanto, não pode ser rigorosamente aprovado quando pretendeu de certo modo explicar o campo emotivo das criaturas pela medida absoluta das sensações eróticas. Não podemos limitar as loucuras humanas à função do sexo, pois seríamos tão insensatos quanto alguém que pretendesse estudar o sol por uma réstia de luz filtrada pela fenda de um telhado.

(...)"

(Martins, Celso. Conversa sobre Sexo. In: sexo, amor & educação. Rio de Janeiro: EME, 1993)